

## A VIRTUDE INESPERADA DA IGNORÂNCIA

### DENISE MENDES GOMES

Psicóloga, psicoterapeuta,  
formadora no Instituto  
Sistemas Humanos, doutora  
em Psicologia Social pela  
USP, autora do livro *Mitos  
Famíliares: memória e  
ocultação*, co-organizadora  
do livro *Religiosidade e  
psicoterapia*.

O filme *Birdman*, dirigido, co-escrito e coproduzido pelo mexicano Alejandro González Iñárritu (*21 Gramas*, *Babel*, *Amores Brutos*) e estrelado pelo ator Michael Keaton (Batman de Tim Burton) realiza um convite ao espectador de rever sua vida, suas escolhas e seus amores. O protagonista desse drama, Riggan Thompson, desistiu da carreira de herói, que trouxera a fama, o estrelato e o transformara em uma celebridade, para se tornar um ator de teatro, o que representa a busca pelos valores mais autênticos e pelo refinamento do ser.

*Birdman – a inesperada virtude da ignorância* realiza uma experiência pós-moderna ao recusar ser um filme “de ação” para ser um “filme-ação”. Parecendo partir da hipótese de que *a arte é capaz de transformar o mundo*, Iñárritu recria na tela algumas das vicissitudes vividas pelo ator Michael Keaton que, ao atuar no filme elementos autobiográficos, transforma sua biografia e suas circunstâncias. Desse modo, nos convida a refletir sobre a responsabilidade social de todo criador multimídia: *em que direção você quer transformar o mundo?*

Este filme levou-me a refletir sobre *não desistir* de desejar transformar este mundo. Isto não é coisa apenas para adolescentes sonhadores e idealistas. Precisamos manter acesa a chama que nos indigna e nos torna sensíveis a todas as dores do mundo.

Este é um primeiro desafio que se apresenta: com o passar dos anos, os percalços e os fracassos, como nos mantermos preocupados com o sofrimento dos outros ao invés de nos importarmos apenas com nossa própria dor?

No início da trama, vemos um homem maduro, impulsivo, autoritário e autocentrado levitando como se estivesse acima das leis, como se nada o pudesse atingir. Riggan Thompson se comporta como o sultão das *Mil e Uma Noites*, sem demonstrar afeto ou preocupação genuína por nada nem ninguém à sua volta, apenas centrado no próprio ego combatido por uma vida infame, corpo e alma em estado de dor.

Porém, ao longo das cenas que se sucedem, encontros e desencontros vividos nos bastidores e nos ensaios da vida, sempre surpreendido pela ação do acaso, ele se deixa transformar, revelando passos importantes presentes em todo processo de mudança autêntica.

Para além da metalinguagem, o filme oferece uma série de sutis fragmentos de um discurso amoroso, fazendo referência a Roland Barthes, que nos permitem refletir sobre o que amamos, como amamos e o que esperamos dessa vida.

Que tipo de filhos estamos criando? Que tipo de pais estamos sendo? Com que tipo de respeito, compromisso ou castidade constituímos e mantemos nossos casamentos? Como terminamos o que começamos com tanto entusiasmo?

Convido você a me acompanhar por este estreito corredor enfeitado por inúmeras portas fechadas e nos precipitarmos ao seu interior.

Vemos na tela um meteoro atingindo a atmosfera. Ao atravessá-la, como a luz na vidraça, esta se estilhaça e suas frações queimam, deixando um rastro de beleza no céu a que chamamos estrela cadente. Ofuscando a alusão a uma celebridade decadente, esta imagem me faz pensar que a vida passa como um meteoro, veloz e numinosa, nos levando a olhar para o céu e indagar pelo Mistério. Há forças dentro de nós e além que precisamos reconhecer para que possamos aceitar nossa impossibilidade de sair da ignorância sem o auxílio da fé.

Em seguida, ao compasso percussivo da bateria, marcando o ritmo que acompanha, simultaneamente, a passagem do tempo e a emoção que toca o coração, duas perguntas se pronunciam:

- E você, conseguiu o que queria desta vida, apesar de tudo?
- O que você buscou?

E, mesmo antes de dar início à trama, nosso diretor nos coloca diante de uma pergunta para a qual não estávamos preparados e que, penso, cabe a cada ser humano se fazer:

- O que *Eu* busco nesta vida?

Estas perguntas nos guiarão por todo o percurso da trama, nos alertando sobre a urgência de nos aliarmos ao nosso ser interior, que dialoga conosco e nos serve de instrutor – se formos capazes de identificar nosso propósito e de buscar atingi-lo com deliberado empenho. Afinal, quem sabe de antemão o que a vida guarda para si?

É intrigante a metáfora da vida como um ensaio aberto, com o teatro lotado de uma plateia pagante que determinará o sucesso ou o fracasso de nossa história. O “grande dia” está sempre por vir, o dia para o qual estamos sempre ensaiando, buscando as melhores companhias, buscando nos sentir preparados. Inárritu nos adverte: será que, quando este dia chegar, estaremos preparados para aquilo que o acaso nos trazer?

Gosto do importante papel que o acaso exerce no enredo, contribuindo para a ampliação das visões de mundo, a superação dos limites e a flexibilização das relações. E gosto da metáfora do herói que inicia cheio de força e arrogância para, no fim, atingir a sabedoria da ignorância. Ignorância das consequências de seus atos, ignorância dos outros e ignorância das contingências.

A crítica é outro importante personagem no caminho do refinamento do ser. Temos muito medo da crítica que vem do outro. Mas, talvez, sejamos nossos melhores críticos, os mais rigorosos. Há momentos em que somos capazes de manter os fantasmas adormecidos diante da crítica e pensar que tudo depende apenas de nós: de nosso esforço e de nossa competência. Há momentos em que damos asas aos abutres de nossa imaginação e eles passam os dias comendo nosso fígado. Estamos todos apavorados por temer não sermos importantes. Este medo pode ser um grande obstáculo neste caminho. Mas não é o único.

Estamos prontos para amar a nós próprios?

Como amar ao outro sem amar a si mesmo?

Nossa imprensa secreta, íntima equipe reflexiva, nos cobra e nos salva o tempo todo. Saltamos de exigências com o rigor e a originalidade para a banalização e dessacralização de nossas ações num átimo de pensamento. Nosso ser mental, tantas vezes, entregando, de mãos beijadas, as rédeas do corcel da vida a nosso ser emocional...

Quantas vezes nos pegamos sonhando nossos superpoderes? O superpoder de dizer as palavras certas na hora exata; o superpoder de transmutar a raiva em amor ou a tristeza em alegria; o superpoder de estar em dois lugares ao mesmo tempo ou de se deslocar de um lugar a outro sem percorrer o tempo...

Na busca pelos valores autênticos e pelo refinamento, precisamos superar estes obstáculos e pagar o preço que o barqueiro cobrar, ou passaremos décadas lutando com nossos fantasmas.

O que vemos Tom Riggan fazer é aceitar o desafio e pagar o preço por sua escolha. E isso é muito mais do que assumir as responsabilidades e consequências de seus atos. Riggan arrisca tudo por acreditar que está diante da coisa certa a fazer. E a coisa certa a fazer era reparar uma série de erros do passado e construir uma nova perspectiva de futuro, ampliando o campo de possibilidades. Para ele, isso se tornou mais importante do que o dinheiro. A herança que ele queria deixar era a capacidade de sonhar, a capacidade de superar a si mesmo, a capacidade de lutar pelo que acredita e a capacidade de amar.

No momento em que nos responsabilizamos por nosso drama pessoal, podemos perdoar aqueles a quem atribuíamos a razão de nosso sofrimento, passamos a nos preocupar com o sofrimento deles e podemos nos corresponsabilizar por seu bem-estar.

É lindo vê-lo guardar no bolso, como um mapa a ser seguido, um antigo guardanapo de papel dobrado que, como um realejo, carrega uma profecia autorrealizadora, tornando *real o desejo* de ser autêntico ao ver uma Verdade reconhecida em sua atuação. Poderíamos olhar para aquele pedaço de papel e imaginar que é apenas um pedaço de papel. Ou poderíamos, como o faz Riggan, ler aquelas palavras e pensar que sabemos a direção a seguir. Buscar a Verdade pode ser a diferença entre aquele que sabe aonde quer chegar e aquele que caminha sem direção.

Quantas vezes, em nossa rotina, encenamos sempre o mesmo drama que, recheado de eventualidades e contratempos, nos engana sobre haver algo de inédito em tudo isso? E levamos muito tempo repetindo as mesmas cenas ininterruptamente até percebermos que este drama é parte de nós e que precisamos dele para continuar acreditando que nada pode mudar...

Riggan surpreende a todos usando a verdadeira arma ao invés do embuste. Esta nova faceta transforma todas as suas relações. A mudança só pode vir quando nos apropriamos de nosso drama pessoal e deixamos de responsabilizar os outros pelo que nos aflige.

Afinal, do que estamos falando quando falamos de amor?

Existe a possibilidade em cada um de nós de nos desnudarmos diante de todos para lutar pelo que amamos verdadeiramente?

O que é preciso para sabermos que estamos prontos para amar?

Estamos preocupados com o sofrimento dos outros ou só nos importamos com nossa própria dor?